

Ministério

Adventista



Janeiro-Fevereiro de 1964

Que vem a ser um plano? Alguém disse o seguinte:

O plano é:

“Uma antecipação mental, um estudo prévio de uma tarefa ou trabalho, resultando em um projeto de ação imediata ou futura.”

No entanto, seja qual fôr a definição que queiramos dar-lhe, a verdade básica e preciosa acêrca da planificação é que sem ela:

As tarefas fáceis se tornam difíceis . . .

As boas idéias e ideais se comprometem . . .

O pouco vem a custar muito . . .

O êxito muda de nome, chama-se fracasso . . .

Nem todos se recordam que a Europa, duas vezes neste século, foi salva por dois planos. Sim, o continente europeu foi salvo

Do nazismo, pelo plano do dia “D”

Da fome e do caos econômico, pelo plano Marshall.

Tôda vez que o destino de coisas e valores superestimáveis estêve em jôgo, o homem não confiou nos riscos da:

. Sorte aventureira!

. Experiência corriqueira de cada dia!

As vitórias consagradoras do homem de todos os tempos e escalões sempre estiveram entranhavelmente ligadas a:

Planos exaustivos!

Executados com fidelidade e idealismo!

Amigos! Convém ter presente em cada ato de nosso Ministério Adventista, uma verdade inquestionável. Aqui está:

Nós trabalhamos para Deus e para a Eternidade!

Ora, quem trabalha para Deus e para a eternidade não pode depender da

Sorte aventureira, experiência corriqueira de cada dia!

O imperativo pois, no Ministério Adventista, é planejar! Sim, planejar

Grandes coisas para uma grande causa!

E agora, duas perguntas pessoais. Onde está teu plano de trabalho ministerial para 1964?

Na terra de ninguém?

No vale da sombra da morte?

Que é um plano para ti?

Uma sombra ignota?

Esse desconhecido?

F. N. Siqueira

O Plano, Esse Desconhecido



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaborador especial:
J. J. Aitken

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 500,00
Número Avulso Cr\$ 85,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



Ano 30

Nº. 1

CAPA: Vitral da Igreja Luterana de Monte Vernon,
Nova York.
© A. DEVANEY, INC., N. Y.

O PLANO, ESSE DESCONHECIDO 2

ILUSTRAÇÕES

Inimigos 3
Resignação 3
Eternidade 3

EDITORIAL

Uma Obra Perturbadora 4

ARTIGOS GERAIS

Dez Maravilhas da Ressurreição 5
O Programa da Igreja 8
O Livro de Jonas, Atualizado 11

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Evangelismo Plurilateral 12

OBRA PASTORAL

Devemos Fechar a Porta de Nossas Igrejas
a Nossos Ministros? 14
Que Deve a Congregação Esperar de Seu
Ministro? 16

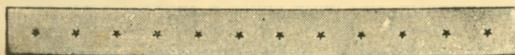
PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

O Sacerdócio de Jesus 19

PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA

Quando se Receberá o Sinal da Bêsta? 21
Quem Constitui a "Igreja Remanescente"? 22

NOTÍCIAS — DA IMPRENSA 24



Inimigos

CONSTA que um imperador chinês, inteirando-se de que seus inimigos formaram uma insurreição numa das províncias distantes, disse para os oficiais: "Vinde, segui-me; e nós prontamente os destruiremos." Ele avançou, e os rebeldes renderam-se à sua chegada. Pensavam todos agora que êle tiraria a mais assinalada desforra, mas surpreenderam-se de ver os prisioneiros tratados com brandura e humanidade.

— Como! protestou o primeiro ministro, é deste modo que cumpris vossa promessa? Destes a vossa palavra real de que vossos inimigos seriam destruídos, e eis que os perdoastes a todos, demonstrando até mesmo afeto para alguns deles!

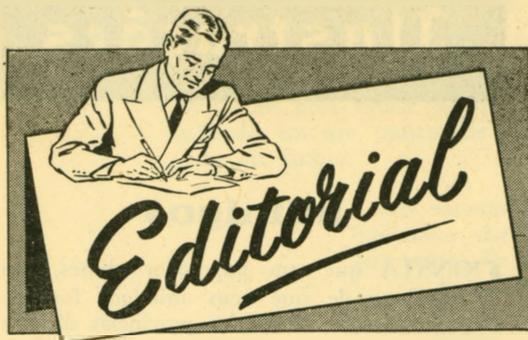
— Prometi destruir meus inimigos, replicou o imperador com um aspecto liberal, e cumpri minha palavra, pois, como podeis ver, êles não são mais inimigos: transformei-os em amigos. — 6.000 *Sermon Illustrations*, por Elon Foster.

Resignação

POR ocasião do rompimento da Paz de Amiens, disse Napoleão ao Lorde Withworth: — Farei um ataque à Inglaterra!
— Isso é com o senhor, foi a resposta dada.
— Aniquilarei o senhor, vociferou o cônsul.
— Ah! Isso é com o senhor, foi a calma e nobre resposta do representante de um grande povo. — 6.000 *Sermon Illustrations*, por Elon Foster.

Eternidade

DIZ-SE que há uma paróquia em Savoy, onde em tôdas as casas está afixado o seguinte leiteiro: "Compreenda bem o valor das palavras: Deus, momento e eternidade — Um Deus que te vê, um momento que foge de ti, uma eternidade que te aguarda; um Deus a quem serves tão mal; um momento do qual tiras tão pouco proveito; uma eternidade que ariscas tão irrefletidamente. — 6.000 *Sermon Illustrations*, por Elon Foster.



Uma Obra Perturbadora

ENOCH DE OLIVEIRA

OS grandes ponteiros do relógio do Tempo deram outra volta ao mostrador. Encerra-se assim o registro de mais um ano com os seus trabalhos e fadigas.

Desponta agora a alvorada de uma nova etapa. E, ao escrever pela primeira vez "1964", julgamos oportuno reflexionar sobre as grandes possibilidades que o novo ano oferece à obra do evangelismo.

Em 1963 vimos a América Latina perturbada por graves crises políticas e econômicas, e agitada por violentos movimentos revolucionários.

Desejamos, porém, que os 365 dias deste novo ano, sejam assinalados pelas grandes agitações que resultam de um evangelismo agressivo e perturbador.

Na narrativa dos Atos dos Apóstolos encontramos uma Europa entorpecida pela filosofia do paganismo, repentinamente comovida e perturbada pela obra da pregação.

Após haverem pregado na cidade de Filipos de Macedônia, Paulo e Silas foram presos e, entre apupos e atropelos, conduzidos à presença dos magistrados. Contra eles testificaram os adversários filipenses dizendo: "Éstes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade". Atos 16:20.

Que elogio e que testemunho!

Com efeito, uma força perturbadora revolucionava a Europa naqueles idos, promovendo mudanças radicais nos hábitos, usos e costumes de um império.

Não dispunham os pregadores contemporâneos de Paulo dos excelentes recursos que hoje possuímos. Careciam de templos, seminários e obreiros especializados. Contudo, conseguiram perturbar as multidões, evangelizando três continentes!

Quando João Batista iniciou o seu ministério, proclamando o advento do Messias, toda a Judéia foi sacudida com a sua vibrante mensagem. Herodes e Herodias, sacerdotes e fariseus, publicanos e soldados, todos foram perturbados pelo verbo poderoso do apóstolo precursor.

Não ocorreu assim também com Jesus? O Seu ministério foi assinalado por sucessivos tumultos

e perturbações: "Não cuideis que vim trazer a paz à Terra; não vim trazer paz, mas espada." S. Mat. 10:34.

Com efeito, as palavras de Jesus sempre produziam conturbação espiritual de vidas e consciências. Agitaram-se com os Seus ensinamentos os enfatuados doutores da lei, os arrogantes sacerdotes, o opulento Zaqueu, a desventurada adúltera flagrada em transgressão, enfim homens e mulheres de todas as classes e níveis sociais.

Nas páginas da História do Cristianismo, encontramos o exemplo abundante de homens que, proclamando o poder redentor de Cristo, perturbaram a ordem social, e transformaram o curso da História.

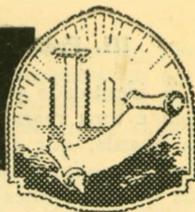
Em um momento de crise, quando as trevas da apostasia e as sombras da superstição cobriam o velho continente, dentro dos muros de um claustro, um monge iniciou uma obra perturbadora. Sim, com a sua voz corajosa e o seu verbo erudito, Lutero perturbou Papas e Cardeais, Reis e Imperadores, Estados e Continentes e sacudiu em seus próprios fundamentos a poderosa estrutura medieval.

Grande foi o impacto resultante da obra de Wesley, na Inglaterra. Animado pelo desejo de proclamar o evangelho, êle conduziu vibrantes cruzadas de reavivamento, despertando uma igreja sonolenta, mundana e corrupta, galvanizando-a com um novo fervor missionário.

Com efeito, Wesley foi um autêntico perturbador!

Perturbadores também foram os pioneiros deste movimento profético — o movimento adventista. Portadores das verdades restauradas, iniciaram uma notável obra, que hoje empolga todos os continentes. Tinham eles uma determinação que não se inspirava no comodismo: "Gastar-se e se deixar gastar no serviço do Mestre". Com êste sentimento eles inauguraram um insólito programa missionário, que hoje cobre a superfície da Terra.

O afluente diário "A Tarde", editado na cidade do Salvador, Bahia, informando sobre o que ocorre atrás da cortina de ferro, noticiou que as
(Continua na pág. 13)



Dez Maravilhas da Ressurreição

D. A. DELAFIELD

Secretário associado do Patrimônio de E. G. White



O PLANO da salvação pro-
vê a ressurreição de to-
dos os homens. "Porque as-
sim como em Adão todos mor-
rem, assim também todos se-
rão vivificados em Cristo." I
Cor. 15:22. A ressurreição
corporal da raça humana será
uma das maiores obras de
Deus. A ressurreição é uma maravilha divina,
uma jóia no escrínio do evangelho, a qual consta de muitas facêtas. Aparecem aqui dez delas:

I. Confirmada a Divindade de Cristo

Rompendo o resurreto Filho de Deus o túmulo de José, dramaticamente deixou transparecer a um universo despertado, a vida divina e imortal que reside n'Ele mesmo. "Dou a Minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la." S. João 10:17 e 18. A Maria, a primeira a contemplar-Lhe o corpo resuscitado, disse Ele com profunda significação: "Subo para Meu Pai e vosso Pai, para Meu Deus e vosso Deus." S. João 20:17. Como Filho do Pai num sentido diferente do que vós e eu, foi Cristo "poderosamente demonstrado Filho de Deus, ... pela ressurreição dos mortos." Rom. 1:4. Por Sua vitória sobre a morte, para sempre se estabeleceu Sua divindade ante tôdas as Suas criaturas. Jesus "foi miraculosamente distinguido como Filho de Deus depois da ressurreição dos mortos" (Rom. 1:4, *Weymouth's New Testament in Modern Speech*). *The New English Bible* traduz êste versículo do seguinte modo: "Ele foi declarado Filho de Deus pelo poderoso ato de ressuscitar dos mortos."

Se alguma vez "os filhos de Deus", os líderes angélicos, imaginaram a Cristo como alguém inteiramente semelhante a eles, tôdas as dúvi-

das foram agora removidas — da mesma maneira que entre os homens que eram Seus contemporâneos. Desapareceu a incerteza no tocante à Sua divindade, quando Sua vida ressurgida despedaçou o cárcere da morte. Se já houve alguma ocasião em que os demônios e homens tremeram de terror, isto ocorreu quando Cristo saiu com vida do túmulo nôvo de José. A ressurreição produziu a completa aceitação de Cristo como divino Filho de Deus. Cristo quebrou na cruz a invenção de Satanás — o pecado. Despertando no primeiro dia da semana, destruiu Ele o produto do pecado — a morte. A cruz aniquila o pecado; a ressurreição desfaz a morte. Isto é uma maravilha da ressurreição.

II. Esperança para a Humanidade

Outra maravilha da ressurreição é seu poder para inspirar *esperança*. Homens doentes e agonizantes, que têm essa esperança, tornam-se animados e triunfantes. Embora estejam enfraquecendo e aumentando em idade, creem exultantemente que nalgum dia não muito remoto êles para sempre viverão num corpo nôvo e imortal que está fora do alcance da enfermidade física.

Quão diferente é o resuscitado corpo imortal do crente, do organismo pálido e exânime que foi confiado à sepultura. Na exuberância de renovada juventude que aparece na face, tôdas as mais acariciadas esperanças e expectativas são representadas. Acabou a doença. Desapareceu a fraqueza física e mental. A dor e o sofrimento cessaram. O último e resignado suspiro do moribundo e a derradeira oração de fé nas promessas de ressurreição são agora permutados pelo fôlego imortal de uma nova criação e pela satisfatória perspectiva realçada por nova e infatigável percepção visual. O fulgente milagre da ressurreição é o cumprimento da esperança do homem na promessa divina de uma nova vida.

III. Preservada a Personalidade

A identidade pessoal é preservada. Isto também é uma maravilha da ressurreição. O anjo da guarda, que é o primeiro a saudar aquele que ressuscitou, reconhece-o. É a mesma pessoa que era antes de morrer, exceto que mudou de mortal para imortal, de corruptível para incorruptível. Uma das glórias da ressurreição é que a pessoa ressuscitada pode ser reconhecida. Pouco valeria a vida no além se assim não fôsse. Ser vivificado num corpo imortal, estar nas regiões celestiais, contemplar uma Face superna, comer do deleitoso fruto duma árvore que dá vida, seria de bem pouco valor se tivéssemos de despertar na manhã da ressurreição e descobríssemos que não éramos nós mesmos mas alguma outra pessoa!

Cristo era Ele mesmo na ressurreição. Os discípulos reconheceram-no quando as dúvidas e os temores lhes desapareceram do coração amedrontado e dos olhos incrédulos. Assim sucederá convosco e comigo.

Ser nós mesmos, reter para sempre todo o desenvolvimento de caráter que se tenha alcançado por meio de Cristo, guardar as lições que se aprendeu na vida presente, ser visto e reconhecido pelos amigos e queridos e ser capaz de manter inestimáveis relações de amizade com eles, será uma dádiva da ressurreição.

IV. Glorioso Corpo Imortal

Outra maravilha da ressurreição é a seguinte: *A aproximação da semelhança com Cristo tornar-se-á nossa num sentido mais completo do que podemos experimentar agora em nosso corpo mortal.* Aqui são traçadas limitações pelo desenvolvimento das qualidades espirituais. A ressurreição não altera êsses traços de caráter; fixa-os para sempre. No entanto, ela nos leva um passo para mais perto de Cristo e de Sua Pessoa total. É por êsse modo que nos tornamos imortais e participamos da vida que até agora nos pertenceu unicamente pela fé. Antes da ressurreição possuíamos um caráter celestial num corpo terreno, o tesouro celestial num vaso de barro. Agora o tesouro divino é guardado num recipiente imortal.

A maravilha da ressurreição consiste em que ela nos ergue para Deus e para a semelhança com Ele. Aos atributos do caráter acrescenta-se nova qualidade de existência; à santidade de vida acrescenta-se a santidade do corpo. É isto um crescimento em direção a Deus que mesmo Adão em tôda a sua perfeição jamais conheceu. Não obstante, nunca seremos divinos, apenas divinamente transformados.

V. Movimento Irrestrito

A aquisição de um corpo que possua o ma-

ravilioso poder de movimentar-se irrestritamente, é outra das maravilhas da ressurreição. "Seremos arrebatados... para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor." I Tess. 4:17. A indivíduos da era espacial sugere isto satélites tripulados, lançados de plataformas espaciais, na ionosfera ou mais além. Mas não será assim. A ressurreição possibilita a viagem espacial com os anjos.

Quando éramos crianças não cogitávamos de voar em foguetes, Sputniks ou Explorers, mas pensávamos em voar "sem apoio". Almejávamos voar como os pássaros e ser livres. Se tão-somente pudéssemos criar asas e levantar vôo, entendendo as asas no ar ameno e fresco, com tôda a amplidão do universo diante de nós! Oh, como sonhávamos desfrutar a estimulante liberdade de viajar pelo espaço, livres dos acessórios mecânicos!

Por causa de sua incapacidade para voar, está o homem circunscrito ao globo terrestre. A gravidade e as restrições da vida terrena atormentam-no. Estamos cercados de montanhas e vales, rodeados de cidades, encerrados em casas e apartamentos, e às vêzes quase sufocados pelos nevoeiros enfumaçados. Anelamos liberdade. Desejamos desvencilhar-nos dos impedimentos físicos e responder ao desafio dos ilimitáveis domínios da imensidade. Queremos viajar até Júpiter, Marte, Saturno, Vênus e outros mundos portentosos. Precisamos de apoio. A ressurreição no-lo confere na levitação, uma parte do dom da imortalidade. Que maravilha isso será!

VI. Verdade, não Ficção

Um prodígio da ressurreição será a repetição do milagre que retirou Moisés da sepultura, trouxe o filho da viúva de Sarepta de volta à sua mãe, fêz o mesmo com o filho da viúva de Naim, restaurou a vida a Lázaro de Betânia, devolveu a filha de Jairo a seu pai e restituiu Dorcas, a obreira beneficente, aos seus amigos. Todos êstes penetraram na sepultura através do portal sombrio. Todos êles abandonaram a tumba através da porta de luz que leva à restituição da vida. Talvez vós e eu passemos pela mesma experiência. Cada milagre de ressurreição constitui um capítulo na História. O caso de cada um daqueles que já ressuscitaram dos mortos ficou assente nos registros. Todos êles se tornaram famosos. A seu devido tempo o mesmo sucederá convosco. É tudo uma parte de Sua história. É uma maravilha da ressurreição. Uma maravilha real — não uma fábula, não uma esperança ilusória.

VII. Desfrutando a Ressurreição Agora

Outra maravilha da ressurreição é que nós

a desfrutamos agora. A alegria da ressurreição é tanto uma realidade presente como uma glória futura. "Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida." Rom. 6:4.

Novidade de Vida! Isto é, a regeneração espiritual é uma vida completamente nova, não uma modificação da velha vida ou um melhoramento da mesma. Somos novas criaturas em Cristo Jesus, nascemos de novo. Da mesma maneira, o corpo ressuscitado é um corpo completamente novo, não uma modificação ou aperfeiçoamento do velho. O corpo ressuscitado é formado de novos elementos, uma nova criação de qualidade mais elevada do que o material do qual o presente corpo mortal é formado. Não é o mesmo velho corpo tornado novo. O corpo ressuscitado é um corpo novo, uma vida completamente nova.

Assim a ressurreição é agora. "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." II Cor. 5:17. *Agora.* Ele é um homem ressuscitado. Isso é um prodígio da ressurreição — Uma experiência alentadora, hoje e todos os dias, pois devemos converter-nos cada dia.

VIII. Revelação da Ordem e Sabedoria Divinas

É maravilhoso que a ressurreição é como uma janela aberta em direção a Deus, revelando certos aspectos de Sua justiça e sabedoria, que são impossíveis de serem percebidos, a não ser por meio desse milagre. Falamos da porta da vida que nos é aberta pela ressurreição, mas esquecemos que a ressurreição é uma janela através da qual podemos olhar para Deus e para os Seus ordenados métodos.

Notai como Sua justiça e sabedoria são reveladas nesta doutrina. A ressurreição de Cristo teve prioridade no plano das ressurreições. Sem ela, todas as outras ressurreições seriam impossíveis. "Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo." I Cor. 15:22. "Cristo, as primícias" (verso 23). "Cristo foi ressuscitado para a vida — as primícias da colheita dos mortos" (verso 20, *The New English Bible*). O molho da colheita que era movido no velho templo judaico, era tão-somente um símbolo da colheita que se seguiria, um sinal e penhor duma ceifa abundante. Assim na vida humana, Cristo foi as primícias. Únicamente por intermédio dEle poderia haver uma abundante colheita dos mortos.

Históricamente foi Moisés o primeiro a sair da sepultura. O Senhor providenciou seu reaparecimento a Cristo, no Monte da Transfigu-

ração, juntamente com Elias. Isto era um símbolo dos mortos que serão ressuscitados por ocasião da vinda de Cristo e dos justos vivos que serão trasladados. Moisés, o começo da colheita; Elias, a grande consumação.

As pessoas que saíram da sepultura ao tempo da ressurreição de Cristo foram sacudidas de seus túmulos quando Ele exclamou: "Está consumado!" Foi esta a primeira ressurreição em grupo. A foice começara a segar. Já se manifestavam os frutos da morte e ressurreição de Cristo. Apresentaram-se essas pessoas que ressuscitaram, primeiro na Terra, e então no Céu, onde são vistos como anciãos em volta do trono de Deus.

A ressurreição de um grupo especial, antes da vinda de Jesus, cumpre Daniel 12:2. "Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do túmulo glorificados." — *O Conflito dos Séculos*, (Nova Ed., Revista), pág. 689. (Ver também *Early Writings*, pág. 285). Aquêles que O traspassaram, bem como os inimigos declarados da verdade divina em todos os séculos, também retornarão à existência. É adequado que por meio desta ressurreição Deus possibilite que um grupo especial de justos e pecadores presencie o milagre do Segundo Advento. Ambos os grupos merecem contemplá-Lo em Sua majestade — um para vergonha sua, o outro para sua eterna glória.

Há uma ressurreição para os justos quando Jesus vem, e uma ressurreição dos ímpios no fim do milênio. Cada uma destas grandes ressurreições é precedida por um julgamento. A primeira apresenta a recompensa do juízo, a segunda, as penalidades (S. João 5:28 e 29). Uma das maravilhas da ressurreição é sua distribuição ordenada, seu simbolismo e sua realidade. É uma janela para a vontade e os propósitos de Deus, uma revelação de Seu ordenado plano e providência.

IX. Vida Superabundante

A coroa das maravilhas da ressurreição é que a vida sempre estará ao nosso alcance. Ezequias defrontou-se com a morte e suplicou pela vida. Quinze anos lhe foram outorgados e eles passaram rapidamente.

Jamais diminuirá a eternidade em perspectiva ou realidade. Sempre nos contemplará a vida ali com uma ditosa expectativa. "E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o caráter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fre-

(Continua na pág. 10)

O Programa da Igreja

R. R. BIETZ

Presidente da União-Associação do Pacífico



COMO avaliaremos o programa da igreja? Por alguns é êle medido apenas em função de dólares ou cruzeiros. Outros acham que o programa é um sucesso quando podem relatar mais do que o ordinário progresso estatístico.

Diz-nos a serva do Senhor que a igreja "é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens" (*Atos dos Apóstolos*, pág. 9). E além disso: "A igreja é a depositária das abundantes riquezas da graça de Cristo, e através da igreja será finalmente manifestada a derradeira e completa revelação do amor de Deus ao mundo que deve ser iluminado com a glória dela." — *Testimonies to Ministers*, pág. 50.

Visto que a igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens, e visto que a igreja é também a depositária das abundantes riquezas da graça de Cristo, e VISTO QUE através da igreja a derradeira e completa revelação do amor de Deus será finalmente manifestada a todo o mundo, esta necessariamente deve ser uma força dinâmica. Não pode haver revelação do amor de Deus, a não ser que haja vida no programa da igreja.

Permiti-me que acrescente, entretanto, que por dinâmico não indico simplesmente um programa de mera atividade. Um programa apressado e ruidoso, uma bem organizada máquina que se movimenta rapidamente, não indicam imprescindivelmente que o programa é dinâmico. Podem os membros da igreja estar muito ocupados sem que recebam benefício espiritual de sua atividade. Podem prestar um bom relatório estatístico, mas perder sua experiência cristã na tentativa de o fazer. Se as atividades proveitosas sôzinhas fôsem uma indicação de um programa ativo, um regular Rotary Club seria capaz de fazer com que algumas igrejas parecessem bem fracas.

É bem possível, diz certo dirigente de igreja, que "a organizada colmeia da paróquia seja tão ativada, departamentalizada, estruturada e constantemente movimentada, que o crepitante maquinismo pareça ser um fim em si mes-

mo. Há um lugar para cada pessoa e todo indivíduo nêle é colocado, quer queira, quer não. Não há aí tranqüilidade ou paz, mas muita atividade." Êle prossegue dizendo que numa cidade onde residira, havia uma igreja local que servia refeições com grande presteza, a numerosos grupos. Os números eram ufanosamente publicados no fim do ano. Eram surpreendentes. Um dos moradores mais antigos da localidade observou: "Isso não é uma igreja, é um restaurante." — Lowell Ditzen, em *Handbook of Church Administration*, págs. 49 e 50.

É possível haver um programa de igreja muito ativo, por amor à atividade. "As boas novas fortalecem os ossos," não nos esqueçamos, porém, de que debaixo dos ossos fortalecidos pode estar um coração espiritualmente desnutrido. Certa senhora aproximou-se do pastor e disse: "Durante tôda a vida tenho sido uma pessoa empreendedora. Alcancei o que desejava. De um momento para outro tudo então se tornou em cinzas. Percebi que tudo fôra feito em atenção a mim mesma. Tôda a minha obra religiosa constava de exaltação própria. Visava dar-me uma aparência de devoção e piedade. Nunca me renunciei a mim mesma, e agora encontro-me internamente fraca, minha confiança própria foi-se, estou no pó." Disse ela algum tempo depois: "Sou uma nova pessoa. Ressuscitei. Estou outra vez com vida. Deus está enchendo de poder cada fibra de meu ser." — E. Stanley Jones, em *Power and Poise*, pág. 70.

Declaram os escritos do Espírito de Profecia: "Aparência e maquinaria têm sido exaltadas como poderosas, enquanto que a virtude da verdadeira bondade, nobre piedade e santidade de coração, têm recebido uma consideração secundária. Aquilo que devia ser tido na conta de principal, tem sido considerado como ínfimo e menos importante." — Ellen G. White, em *Review and Herald*, 27 de fevereiro de 1894. "Pode haver uma aparência de luz na igreja; todo o maquinismo — grande parte dêle de invenção humana — pode parecer estar funcionando bem, e no entanto a igreja pode estar tão destituída da graça de Deus como os montes de Gilboa o estavam de orvalho e chuva." — Ellen

G. White, em *Review and Herald*, 31 de janeiro de 1893. Repetimos: em primeiro lugar o programa da igreja deve ser dinâmico. Um programa repleto do Espírito de Deus é um programa que salva almas. É um programa salutar. É um programa progressivo.

Segundo, para haver um programa repleto do Espírito de Deus é necessário que haja um pastor cheio do Espírito Santo. É este o segundo ponto essencial de um consistente programa de igreja. Importa haver uma pessoa que seja o dirigente responsável. Quem é este líder? Bem pode o pastor dizer: "Não é o ancião, não é o diácono, mas sou eu, Senhor." Depois que tudo é apresentado e feito, o verdadeiro líder precisa ser capaz de dominar as circunstâncias que o cercam e finalmente prevalecer-se delas. Se alguma vez elas chegam a apoderar-se dele, aqueles que estão sob sua direção perdem a confiança nêle, e êle deixará de ser um líder de valor.

Ninguém nega o fato de que nove vêzes em dez, quando a igreja está fraca, é porque a liderança é fraca. Sempre que a igreja é dirigida por homens capazes e consagrados, algo acontece com o programa da igreja. Este se torna vivo. Cintila com uma atividade provinda do Espírito Santo. É dinâmico porque a liderança é dinâmica. A força ou a fraqueza da igreja dependem de o pastor assumir ou não devota e eficientemente o inevitável papel de administrador.

Terceiro, um dinâmico programa de igreja servirá de alimento espiritual para a congregação. Pensando a respeito da igreja, disse Jesus a Pedro: "Apascenta as Minhas ovelhas". Isto indica que o programa da igreja deve fortalecer os músculos espirituais das ovelhas. Antes que o mundo possa ser salvo, as ovelhas precisam ser alimentadas. O primeiro passo para evangelizar o mundo é evangelizar a igreja. Talvez o primeiro passo para ganhar muitos membros seja obter melhores membros. Antes de acrescentar novos membros à igreja, deveríamos tentar adicionar nova vida aos membros já existentes.

Fui foguista de uma grande máquina a vapor. Havia ocasiões em que o fogo não produzia muito calor. Encontrava dificuldades para produzir vapor. Comumente eu remediava a situação empurrando um longo atizador para dentro da fornalha. Um amontoado de escória impedia que a fumaça passasse por ali. Com o atizador eu separava a escória e a espalhava sobre as brasas da fornalha. Obtinha eu então uma boa corrente de ar e em pouco tempo o fogo crepitava.

Há épocas em nossas igrejas em que existe mornidão porque há demasiada escória. Esta fecha por assim dizer a corrente do Espírito Santo. Se não pudermos remover a escória, tenha-

mos um tão espiritual programa de igreja que ela acabe se inflamando também. É unicamente através de um programa saturado do Espírito Santo que os membros da igreja continuarão a ser brasas vivas para Deus. A menos que o programa da igreja ajude os membros a se manterem repletos do fogo do Espírito Santo, êles se tornarão frios e se afastarão.

Quarto, Jesus afirmou: "Ainda tenho outras ovelhas que não são dêste aprisco; também Me convém agregar estas, e elas ouvirão a Minha voz." A igreja precisa ter também um programa que sirva de alimento espiritual para essas "outras ovelhas". Este programa as atrairá ou repelirá. Se elas se agradarem do alimento que lhes é oferecido em nossas igrejas, se acharem que o programa é espiritualmente edificante, voltarão outra vez. Quando no tempo de rapaz eu cuidava de ovelhas, nunca encontrei dificuldade em trazê-las de volta a boas pastagens. Não havia também problema em conservá-las ali. Podiam desviar-se para cá e lá, mas sempre voltavam para o lugar em que havia bom pasto.

Reconhecendo que o programa de igreja precisa ser comovente e eficaz, que o pastor necessita estar repleto do Espírito e que o programa deve alimentar tanto as ovelhas do rebanho como as "outras ovelhas", fazemos a importante pergunta: Como pode o programa ser mantido espiritualmente aceso em nossas igrejas?

Como pode, por exemplo, o departamento da escola sabatina ajudar a alimentar as ovelhas? Qual a relação do superintendente, seus auxiliares e dos professores para com êsse elevado programa espiritual? Que espécie de programa é necessário? Por que ainda há milhares de pessoas que não assistem à escola sabatina? Dar-se-ia o caso de não se impressionarem com o programa da igreja e de não estarem recebendo alimento espiritual?

Pensemos por um momento na campanha da Recolta. Ela também faz parte do programa da igreja. Como consideram as ovelhas o alimento da Recolta? Recordo-me de que quando era menino meus pais atrelavam um par de cavalos a uma pequena carruagem e passavam o dia recolhendo. Ao regressarem de tarde para casa, brilhava-lhes o rosto. Nunca tive a impressão de que saíam para angariar dinheiro. Depois de voltarem geralmente falavam a respeito de sua experiência em partilhar a fé com outros, bem como das visitas que fizeram aos doentes. Parecia ser um programa satisfatório.

Será que temos profanado o templo com nossa tentativa de obter milhões de cruzeiros? Somos mais ansiosos por considerar e relatar cruzeiros do que almas? É a Recolta ainda um programa que salva almas? Outro dia ouvi um bem sucedido obreiro falar a uma congregação,

e no decorrer de sua palestra referiu-se êle à Recolta. Ressaltou o fato de que teria de interromper seu programa evangelístico para recolhar, e então êle disse dum modo jocoso: "Oh, irmãos, estou ficando saudosos do Céu!" Como pode a Recolta tornar-se assim uma bênção espiritual para as ovelhas do rebanho e para as "outras ovelhas" que não são dêste aprisco? Pessoalmente, creio que isso depende em grande parte da liderança. Se o pastor pode conduzir a igreja a uma experiência espiritual através de um programa de construção de igreja, também o poderá fazer através da Recolta.

Consideremos agora ligeiramente o culto das onze horas da manhã. É êste o culto-chave do dia de sábado. É êle preparado com vistas a ganhar almas? São as ovelhas nutridas ou extenuadas pela nossa pregação? Esta une ou dispersa as ovelhas? Fortalece ou enfraquece o rebanho? Pregava João Wesley certa vez a milhares de pessoas que estavam ao ar livre. Na frente havia um grupo de desordeiros com pedaços de tijolos na mão. Estavam a ponto de ferir o grande pregador. No entanto, a paixão e ternura dêsse notável pastor de tal maneira lhes cativaram o coração que um a um largaram as pedras e um dêles exclamou: "Vêde, êle brilha, êle reluz!" Cativa o culto divino as ovelhas?

Gostaríamos de perguntar também se o programa de construção de igreja pode ser orientado para ganhar almas. Muitas vêzes em minha experiência no trabalho administrativo tenho visto exatamente o contrário. Ao tempo da conclusão do prédio da igreja, haviam-se as ovelhas dispersado de Dã até Berseba. Por ocasião da dedicação do templo desaparecera uma boa parte da congregação. Alguns se haviam transferido, alguns abandonaram sua qualidade de membros, outros estavam magoados e desanimados e não mais intencionavam voltar. Por outro lado, fui também testemunha de como o programa de construção trouxe extraordinárias bênçãos espirituais e unidade à congregação. A igreja foi grandemente fortalecida em resultado do programa de construção. Que fez a diferença?

Consideremos outra parte do programa da igreja, isto é, a música. Qual é a contribuição da música para o plano de ganhar almas? É-nos dito que a música constitui "um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais. . . . Como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto como a oração." — *Educação*, pág. 167. As vêzes tem-se a impressão de que certos cantores estão mais interessados na apropriada atuação de suas cordas vocais do que na mensagem do canto ou na alma das ovelhas. Esforcei-me ao máximo para compreender as palavras de certos canto-

res, mas acho que êles entraram em órbita e perderam todo o contato com a Terra.

A "prova final está na salvação dos perdidos e em elevar os remidos para mais perto de Deus. Se ela falha em convencer os pecadores e elevar os santos, deixa de fazer jus ao padrão de uma boa música para a igreja." — *The Ministry*, janeiro de 1961, pág. 30.

Poderíamos mencionar outros aspectos do programa da igreja, tais como a cerimônia batismal, a visitação pastoral, os casamentos, os cultos de oração, as atividades dos jovens, a consagração de templos, a dedicação de crianças, o programa de saúde — todos êstes e muitos outros deveriam ser canais através dos quais possa advir grande bênção à congregação.

Cada atividade deve ser uma oportunidade para o Espírito Santo infundir nova vida à igreja. Importa que tôdas as partes do programa da igreja sejam executadas com o objetivo de conduzir os homens a Cristo e manifestar o amor de Deus.

DEZ MARAVILHAS DA RESSURREIÇÃO

(Continuação da pág. 7)

mirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro." — *O Conflito dos Séculos*, (Nova Ed., Revista), págs. 730 e 731.

X. Reunião e Renovação

O clímax da ressurreição será a reunião e a renovação. Reveremos nossos queridos. Nossos mais acariciados sonhos tornar-se-ão reais nesse futuro país de Deus, onde o céu sempre será azul e onde a vida será avaliada pela vida de Deus. Que dia será êsse! Maridos e esposas abraçam-se; pais e filhos caem num êxtase de deleitosa reunião; pecadores salvos agradecem calorosamente às testemunhas que lhes levaram as palavras de vida. Reunião sem o menor indicio de nova separação. "E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram." Apoc. 21:4. Apressa, Senhor, êsse dia maravilhoso!

E haverá renovação. A vida como a conhecemos terá passado, com tôdas as suas ocupações. Os pregadores não pregarão, os empresários fúnebres não farão enterros, os médicos não tratarão os enfermos, os dentistas não atuarão, os advogados não pleitearão causas, os estadistas não discutirão o desarmamento perante as assembléias dos homens. Outras incumbências aguardam êsses servos do Senhor. Os

(Continua na pág. 13)

O Livro de Jonas, Atualizado

RODOLFO BELZ

Presidente da União Este-Brasileira



NÃO sei se os amigos já leram o moderno livro de Jonas, completamente atualizado. Terão interesse de conhecê-lo? Pois bem, aí está, resumido.

“E veio a Palavra do Senhor ao **MINISTRO ADVENTISTA**, filho desta última geração, dizendo: ‘Levanta-te e vai a todas as partes do Brasil e prega a tríplice mensagem, porque a vinda de Cristo se aproxima.’

“Mas o *Ministro Adventista* se levantou para fugir de diante da face do Senhor, indo para os Estados Unidos. E, indo à agência, achou que muitos aviões partiam para a América do Norte. Tratou da passagem, mesmo em prestações, e entrou nêlo para fugir de diante da face de Deus.

“No mundo, a tempestade do fim, açoitava os habitantes cada vez com mais severidade, não escapando o Brasil com sua inflação, seu carnaval cada vez mais à vontade, com suas tempestades ideológicas, podendo ameaçar a liberdade de culto e de consciência. Então temeram os que dirigem as nações, pela sorte dos inocentes... Mas o *Ministro Adventista*, desceu cada vez mais, sujeitando-se a todos os trabalhos, menos àquele para o qual fôra chamado.

“E a alma apavorada, procurando uma solução, achou o *Ministro Adventista*, trabalhando em outros misteres. Aborda-o e lhe intima: Que tens, desviado? Levanta-te, invoca o teu Deus; talvez assim Deus Se lembre de nós para que não pereçamos. Mas o *Ministro emudeceu*, pois não achava desculpa. Novamente a alma angustiada o aborda: Que ocupação é a tua? e donde vens? qual é a tua terra? e de que povo és tu? (Que perguntas, hein?)

“E êle lhe disse: *Sou Ministro Adventista e temo* (em parte) ao Senhor, o Deus que fez o mar e a terra sêca. Então a alma humana estremeceu e exclamou: Porque fizeste tu isto? pois compreenderam que fugia de diante do Senhor.

“Nada mais tendo a fazer, não podendo convencê-lo a voltar atrás, abandonou-o entre o mar das modernas nações, esquecido do seu voto e do seu chamado.

“Mas Deus, na Sua misericórdia, preparou um grande peixe para que socorresse o *Minis-*

tro Adventista. Ora, êste peixe é comumente chamado ‘Dólar’, que, como veremos mais tarde, o trouxe de volta à grande terra do seu trabalho, depois de ter estado alguns anos nas entranhas do peixe.”

Aqui termina o primeiro capítulo do atualizado livro de Jonas.

Creio que não é necessário continuar, porque já sabeis que enriquecido voltou o *Ministro Adventista* à sua terra e teve muito êxito, pois vinha com idéias novas que abalavam as grandes cidades do Brasil.

Mas passando-se o tempo, desgostou-se pela demora dos juízos de Deus. (Ora, se êle tivesse ficado no seu lugar, e não gastado tempo em outros afazeres, teria apressado a vinda do Mestre, mas por sua negligência, era preciso mais tempo para um outro fazer o seu trabalho.)

No entanto, ao voltar, tendo-o o peixe lançado na terra, instalou-se bem e Deus lhe deu a sombra da fôlha da aboboreira (geladeira, ar condicionado, automóvel, ventilador, etc.) e ficou satisfeito. Mas, saiu da cidade... e ali fez uma cabana, (foi enviado a um lugar onde não havia fôrça, estradas e outras facilidades) e então com o sol quente, vento calmoso oriental, desmaiou e novamente queria morrer, dizendo que por isso pretendia fugir para Társis, para se prevenir.

Meus amigos, eis em poucas palavras a história de Jonas atualizada. És um destes? Tens tu, amigo ministro, certeza do teu chamado, do teu voto, da tua obrigação para com Deus e os homens? Cuidado com o grande peixe, pois às vezes há perigo de não ser mais cuspidos na praia da tua terra e do teu dever.

Para mais informações, as págs. 203 e 204 de *Fundamentals of Christian Education*. Meus colegas do Ministério, não escrevo isso como crítica ou sarcasmo, mas sou sincero em dizer que parece muitos terem perdido a noção do seu voto, do seu chamado de Deus, da seriedade do tempo em que estamos vivendo, do pouco tempo que temos para trabalhar. Tão pouco caso fazemos do santo ministério que corremos atrás das riquezas em vez das almas. É preciso que se levante a voz, falando claro, pois o tempo é para agir e não brincar; trabalhar e não buscar as coisas perecíveis. É preciso haver uma ressurreição do nosso Ministério neste fim do tempo.

EVANGELISMO - Almas para Deus



Evangelismo Plurilateral

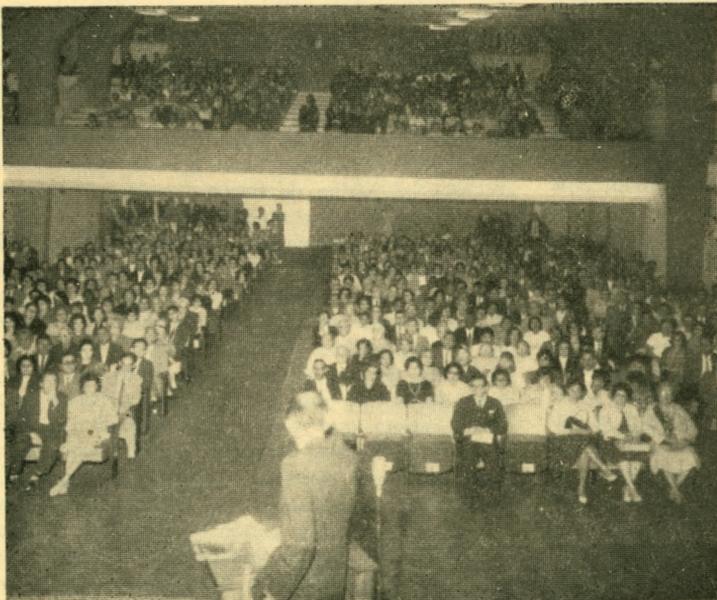
CARLOS NUNES VIEIRA

Evangelista na Associação Rio-Minas

OS tempos modernos marcados pela presença de uma sociedade inquieta, composta de membros ocupadíssimos com uma gama de compromissos variados e numerosos, requerem do evangelismo presente uma programação que atinja essas pessoas em conformidade com suas predileções e dentro da multiplicidade de seus afazeres. Apenas um Evangelismo Plurilateral, isto é, evangelismo que se valha de todos os recursos e agências disponíveis dentro de nossa organização, pode vencer a resistência que se apresenta, dadas as grandes distrações da vida atual.

Instalou-se em nosso Auditório Guanabara, no dia 15 de junho, animada campanha evangelística com vistas a um tal Evangelismo. Dirige-a com raro talento e devoção o pastor Enoch de Oliveira. O salão estava lotado. Com lugares para quase 1.000 pessoas, foram nossas expectativas ultrapassadas, quando assistimos à chegada do povo deste bairro sempre cifrado como frio e indiferente ao esforço evangelístico. Com efeito, não ousamos confiar devido a este fato que este seja um campo fácil.

Vários meses foram gastos antes desta oca-



∞∞

O grande público presente à conferência do auditório Guanabara tem prestigiado a Cruzada em favor das famílias guanabarinhas.

∞∞

sião, preparando-se o campo. Aproximadamente 5.000 pessoas foram atingidas por *enquête* a respeito da Educação no Lar e Escola, bem como da delinqüência juvenil e infantil, assunto das primeiras conferências. Os moradores das adjacências de nosso Auditório foram convidados a ouvir a Voz da Profecia e dezenas de pessoas receberam antes da primeira reunião, lições do Curso da Escola Radiopostal, além de milhares de folhetos.

O notável, entretanto, é que ao lado da ardente pregação de nosso mui estimado Diretor do Departamento Ministerial da Divisão, êste evangelismo conta com a pluralidade das seguintes agências: medicina, evangelismo infantil, mesas redondas, dietética, música, igreja, desenho e brevemente relações humanas e enfermagem. Médicos do Hospital Silvestre têm falado alguns minutos antes das conferências, trazendo sábios conselhos para as famílias. Simultaneamente funciona a seção de evangelismo infantil, no salão dos jovens. Tivemos várias mesas redondas sôbre o problema da delinqüência e do lar, e cada quinta-feira selecionado grupo de aproximadamente 200 senhoras e môças assiste à classe de dietética e nutrição, dirigida por dietistas de nosso Hospital Silvestre. A música apresentada 15 minutos antes das conferências, tem sido motivo de inspiração: solos, quartetos, coros, instrumentos musicais, de várias procedências. A igreja tem um grupo de irmãos que dirige suas preces continuamente durante 24 horas e distribui convites fielmen-

te. É imperioso dizer que contamos com um grupo esforçado de obreiros, que secundam a obra evangelística de casa em casa.

Graças à operação divina e aos esforços humanos acima citados, temos visto algo que é maravilhoso. No mês e meio de reuniões que tivemos até agora, mais de 10.000 pessoas assistiram às duas reuniões semanais de conferências, isto sem contar as crianças e os participantes das outras atividades.

Uma classe de Investigação Profética, com mais de 250 presentes não adventistas, se reúne às quartas-feiras, o que nos parece grandioso, considerando ainda que agora já existe uma outra classe em processo aos domingos, antes da conferência, com dezenas de inscrites.

Irmãos da igreja têm dito: "Sentimos nova vida espiritual". Centenas de pessoas não adventistas têm confessado sua fascinação pelos métodos de evangelismo aqui empregados. Um cônsul do Itamarati exclamou: "É entusiasmador ver a atualidade com que vocês trabalham. Quão útil para a sociedade esta forma de evangelizar!" Ao agradecer a todos que têm orado, ao agradecer a todos que têm cooperado para que pudéssemos chegar até aqui — e é um número grandioso de pessoas — queremos relembrar o auxílio de Deus e os auxílios de tôdas as organizações superiores, desde a Associação até a Conferência Geral. Deus nos auxilie agora a findar êste maravilhoso evangelismo com alegria e a obter os resultados que aguardamos!

Uma Obra Perturbadora

(Continuação da pág. 4)

autoridades haviam "criticado a crescente atividade dos Adventistas do 7º. Dia", que com os seus "irritantes pregadores estavam andando pelas cidades e aldeias causando perturbação". (22. III. 1963).

Ungidos com o poder do Alto, haveremos de perturbar também a América Latina, com o mesmo entusiasmo revelado pelos evangelistas no passado, e com o mesmo fervor dos pregadores adventistas contemporâneos nas nações sob a influência do materialismo dialético.

Iniciemos o nôvo ano, animados pela fé, inspirados pelo desejo de perturbar a América Latina com o poder da mensagem adventista; e os incredulos, testemunhando o nosso entusiasmo, dirão:

"Êstes evangelistas estão perturbando as nações com a sua pregação profética, com o seu exemplo respeitável e a sua religião consciante."

JANEIRO-FEVEREIRO, 1964

Dez Maravilhas . . .

(Continuação da pág. 10)

agentes policiais serão desnecessários, pois o crime terá cessado. Exércitos permanentes, armadas, aprestos de guerra, são inúteis ali. Não mais haverá impostos, frio hibernal, nevascas, furacões, ou sol abrasador. A nova vida será reorganizada. Esta será tão perfeita como a que Adão desfrutava, e ainda melhor. É a ressurreição que nos torna possíveis essas maravilhas.

Assim, enquanto os homens de ciência discutem os prodígios da nova era espacial e os portentos da engenharia, notai que nenhum dêles oferece a maravilha de uma vida ressuscitada. Isto é a recompensa da religião. Esta bendita esperança é um dom de Deus através de Jesus Cristo. No desabrochar das flôres e no germinar da semente contempla o cristão êsse evento majestoso, pois isto nos lembra que porque Êle vive, nós também viveremos.

PÁGINA 13

OBRA PASTORAL



Devemos Fechar a Porta de Nossas Igrejas a Nossos Ministros?

R. E. FINNEY, JR.

Presidente da Associação Wisconsin



QUE nós ministros fariamos se nos fôsse fechada a porta de nossas igrejas? Provavelmente alguns de nós se sentissem como se tivessem sido expulsos de seus lares. Para muitos, nossas igrejas não somente se tornaram lugares de culto, mas locais a que se vai para escapar às duras realidades da vida nestes dias finais da história terrestre.

Que sucederia se os membros da igreja se reunissem numa ocasião em que o ministro não estivesse presente e usassem os talentos que lhes foram dados por Deus, da maneira como o *pu-dessem* fazer? Os anciãos orientariam as atividades da igreja de tal modo que cada um dê-lhes arcaisse com sua parte das responsabilidades. Elaborariam um programa que assegurasse a cada membro uma visita por parte de um ancião da igreja, e lhe proporcionasse auxílio espiritual.

Os diáconos fariam o orçamento da igreja e dividiriam entre si a responsabilidade de levantar os fundos necessários para cobri-lo. Esses dedicados irmãos também emprenderiam o cuidado e a manutenção do edifício da igreja e da escola primária. O pastor não precisaria preocupar-se com a limpeza, pintura, aparar a grama, comprar os devidos apetrechos, ou com quaisquer outros pormenores do trabalho que compete aos diáconos.

Os demais oficiais da igreja concordariam em realizar exata e minuciosamente os deveres dos cargos para os quais foram eleitos, e trabalhariam harmoniosamente.

Além disso, o departamento das atividades missionárias formaria cuidadosamente planos para o evangelismo pessoal, a fim de que o mes-

mo fôsse levado avante pelos membros da igreja de um modo agressivo, sistemático e persistente.

Quando tudo isso estivesse planejado, que tal se a comissão da igreja fôsse ver o pastor e lhe dissesse: "Não temos muita necessidade de um pastor. Tomámos providências para que tôdas as particularidades de nossa igreja local sejam cuidadas. Temos pessoas capazes para fazer quase tudo que o senhor vem fazendo. (A maioria das igrejas têm!) Quando precisarmos do senhor, nós o chamaremos — para casamentos, funerais e batismos. Quanto ao mais, seria bom que o senhor encontrasse alguma outra coisa para fazer."

"Pura fantasia!" dirá alguém. Talvez seja apenas um sonho, mas não é impossível.

Que será então do ministro? Que irá êle fazer? Dar-se-ia o caso de alguns de nós ficarmos descontentes, alarmados e desorientados? Possivelmente sim. Mas só se tivéssemos perdido de vista o principal objetivo de nossa vocação — advertir e ganhar almas para Cristo.

O Estado de Wisconsin possui mais de quinhentas cidades e vilas que são suficientemente grandes para constar nos mapas. Em tamanho, variam elas desde pequenas povoações até uma área urbana de um milhão de habitantes. Temos oitenta e uma igrejas neste Estado. Destas apenas sessenta estão nas cidades, as outras localizam-se no interior. Isto significa que neste rico e belo Estado, 440 cidades e vilas não possuem igreja adventista do sétimo dia! Muitas destas comunidades têm quatro a oito mil habitantes.

Deveria existir esta situação? Penso que não. "Em cada cidade da América deveria haver al-

gum memorial de Deus." — *Evangelismo*, pág. 60. Como podemos estabelecer êsses memoriais? É necessário descobrir algum meio que até agora não foi usado.

Talvez um expediente consista em tornar a conjetura descrita anteriormente, uma realidade. Dispomos de vinte e seis excelentes obreiros em nossa Associação. Realizam trabalho evangelístico e obtêm algum êxito. Não obstante — e isto não é um caso isolado entre as Associações — dificilmente batizamos suficientes pessoas num ano para apresentar qualquer progresso.

De conformidade com a instrução inspirada, "a obra evangelística, de abrir as Escrituras aos outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar, mais e mais, o tempo dos servos de Deus." — *Idem*, pág. 17.

Ocupa a obra de ganhar almas mais e mais o tempo de nossos ministros? Julgo que nalguns casos ela esteja ocupando cada vez menos de seu tempo.

No comêço do ano escrevi uma carta a cada obreiro da Associação. Referi-me nela aos dados fornecidos por êles durante o ano findo. Apresentei a cada um dêles a média das consequências dos outros obreiros do campo. Não revelei, porém, a qualquer obreiro o que algum outro obreiro individual realizara. Não creio que seja conveniente comparar publicamente um obreiro com outro. Pode haver razões porque um efetua menos do que outro, e estas razões podem estar além de seu contrôle.

Mais para o fim do ano, contou um obreiro que êle ficou chocado ao ler a carta e notar quão poucos batismos realizara no ano anterior. Resolveu que nenhum outro ano o apanharia com um relatório idêntico. O resultado foi que no fim do terceiro trimestre dêsse ano, o seu relatório de batismos era o segundo da Associação, e o programa geral de seu distrito não foi prejudicado. Êle trabalhara arduamente no ano anterior, mas não se havia concentrado na salvação de almas — a obra que "deve ocupar, mais e mais, o tempo dos servos de Deus."

Uma das declarações da serva do Senhor impressionou-me profundamente: "Vi raios de luz provindo de cidades e vilas, dos lugares altos e baixos da Terra. A Palavra de Deus era obedecida, e em resultado se achavam em cada cidade e vila monumentos Seus." — *Idem*, pág. 43. (Grifo nosso.)

Se esta afirmativa tiver de cumprir-se, quando será que as 440 cidades e vilas ainda não penetradas desta Associação terão monumentos da verdade? Se a volta do Senhor só se der depois que isso se cumpra, até quando terá ela de ser adiada?

Que sucederia se cada obreiro distrital da As-

sociação estivesse livre para dedicar *todo o seu tempo* para "abrir as Escrituras aos outros"? Penso que um programa assim nos faria progredir sem muita demora.

Dizer que nossa obra não progredirá sem que nossos ministros assalariados pastoreiem as igrejas, é manifestamente inexacto. Organizações tais como as Testemunhas de Jeová — que ganharam trinta e dois mil membros numa região em que batizamos oitocentas pessoas — não possuem um ministério assalariado, e no entanto prosperam.

Visto que temos oitenta e uma igrejas nesta Associação, nosso corpo de obreiros está escassamente distribuído. Apenas um ministro tem somente uma igreja sob o seu cuidado. Alguns de nossos obreiros contam com seis igrejas em seus distritos.

Devido a têrmos tão poucos ministros, recebi diversas reclamações de bem-intencionados membros, os quais afirmam que o ministro não permanece o número suficiente de vêzes em suas igrejas. Nosso povo gosta de ser pastoreado. Alguns o necessitam. Para outros isso se torna um encôsto que lhes enfraquece o vigor espiritual.

Certamente a serva do Senhor não estava enganada quando escreveu: "Se fôsem dadas as devidas instruções, caso fôsem seguidos métodos apropriados, todo membro da igreja faria seu trabalho como membro do corpo. Faria trabalho missionário cristão. Mas as igrejas estão morrendo, e querem um ministro que *lhes pregue*." — *Idem*, pág. 381. (Grifo nosso.)

Prestamos a nosso povo um favor que contribui para a anemia espiritual que se está apossando de muitos, ou devemos dar-lhes alguma espécie de ferro espiritual que os capacite a se firmarem em seus próprios pés e a trabalharem para Deus?

Mais adiante, diz Ellen G. White: "Devem ser ensinados a dar fielmente o dízimo a Deus, para que os possa fortalecer e abençoar. Devem ser postos em ordem de trabalho, para que possam receber o alento do Senhor. Deve-se-lhes ensinar que, a não ser que possam permanecer por si sós, sem um ministro, *precisam converter-se*, sendo de nôvo batizados. Necessitam nascer de nôvo." — *Ibidem*. (Grifo nosso.)

"Em vez de reter os ministros a trabalhar pelas igrejas que já conhecem a verdade, digam os membros dessas igrejas a êsses obreiros: *Idem trabalhar pelas almas que perecem em trevas*. Tomaremos à nossa conta o serviço da igreja. Manteremos as reuniões, e, permanecendo em Cristo, nos esforçaremos por conservar vida espiritual. Trabalharemos pelas almas que estão ao nosso redor, e enviaremos as nossas orações e ofertas para sustentar os obreiros nos cam-

(Continua na pág. 23)

Que Deve a Congregação Esperar de seu Ministro?

E. F. SCHLIST

Colportor-Evangélista, Associação de Nova York

(Os pontos de vista aqui expostos são os de um leigo examinando o ministério. Achamos que merecem a nossa consideração, pois devemos ver-nos da maneira como os outros nos encaram. — Os EE.)



A OCUPAÇÃO do ministério é de tal natureza que as faltas que nêle se cometem têm conseqüências muito mais graves do que em qualquer outra atividade. As Escrituras estabelecem elevadas qualificações para os líderes do povo de Deus — “Irrepreensível”, “temperante”, “hospitaleiro, apto para ensinar”, “não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avaro”, “não... neófito.” “É necessário que êle tenha bom testemunho dos de fora.” I Tim. 3:2-7. Estas são algumas das qualidades que a congregação espera encontrar no ministério.

Estas normas abrangem uma vasta área do desenvolvimento do caráter. Esteja êle certo ou errado, espera-se que o ministro atinja um nível muito mais elevado de consecuições espirituais do que os membros leigos. Estes precisam inteirar-se de que todos devem ter o mesmo ideal de perfeição, mas o ministério é tido por “exemplo dos fiéis”.

Sinceridade

Um dos requisitos preliminares que a congregação espera do ministro é a sinceridade. Diz uma das Bem-aventuranças na versão de Phillips: “Felizes os que são inteiramente sinceros” (S. Mat. 5:8). A tradução de Almeida declara: “Bem-aventurados os limpos de coração”. A congregação que reconhece o seu pastor como um cristão completamente sincero e consagrado, fará quase qualquer coisa razoável que o ministro sugira. Jamais deve êle realizar sua obra de tal maneira que os membros se ponham de sobreaviso, querendo saber o que êle intenciona no íntimo. Seus atos e palavras devem estar inteiramente fora de suspeita, de modo que os membros e oficiais de sua igreja possam discernir exatamente das palavras que pro-

fere, qual o objetivo do apêlo que faz, ou o propósito de suas ações. Usar de evasivas é comum nos negócios. O emprêgo psicológico de subterfúgios é estudado cuidadosamente pelos vendedores de diferentes categorias. Na interpretação das leis o subterfúgio é um instrumento de que se servem tanto a acusação como a defesa. Mas isto não pode ocorrer na vida daquele que é pastor do rebanho de Deus. Perfeita sinceridade, e nada menos, é o que se espera de sua conduta.

Confiança

Ao lado desta, naturalmente, deve estar a completa fidedignidade. Estamos todos sujeitos a cometer erros. A falta que se comete sem querer é compreendida e passada por alto. Todos nós podemos ser mal-interpretados naquilo que dizemos e fazemos. Mas a congregação tem o direito de esperar que o ministro seja fidedigno — um tipo de pessoa em que todos podem depositar inteira confiança. Não é correto que êle encubra os fatos a fim de favorecer os seus próprios objetivos, especialmente se notar que os oficiais da igreja não concordam com êle em determinada questão. Encobrir os fatos para obter o que se considera apropriado para a igreja é minar a confiança no ministério. Aproveitar-se da ignorância de alguém em assuntos temporais é tido por nós, como um povo, na conta de furto.

O mesmo é verdade quando o ministro lida com a congregação e os oficiais da igreja em particular. Pode êle dispor de informações que indiquem que, embora os membros de sua igreja não estejam de acôrdo com êle em certa questão, êles estão certos. Se esta informação fôr deliberadamente retida, não perceberá o Senhor a presença de um motivo desonroso? Não o descobrirão também os membros, mais cedo ou mais tarde, perdendo conseqüentemente a confiança?

Delegando Responsabilidades

Quão pronto está o ministro a delegar responsabilidades aos oficiais de sua igreja? Procura êle atrair para si tôdas as responsabilidades da igreja local, encarregando-se de todos os pormenores? Cuida o diretor missionário das atividades missionárias da igreja, ou é o pastor que o faz? É o ancião local o auxiliar do pastor, ou é êle um dirigente nominal? A congregação provàvelmente reconhece que elegeu os oficiais para desempenhar certos deveres, e gosta de vê-los crescendo no serviço do Senhor, à medida que executam suas funções.

Quão paciente é o pastor com os oficiais que talvez não sejam tão bem qualificados para os cargos a que foram eleitos, como deviam? É provável que êles constituam os membros mais preparados da igreja local, e todavia deixem ainda muito a desejar no tocante ao que se exige para os seus respectivos cargos. É êle suficientemente paciente para trabalhar com êles, ajudando-os a aprender como devem desempenhar as suas funções? Ou prefere assumir os deveres de determinado cargo a permitir que alguém os efetue dum modo que êle considera desafortunado? Declaram as Escrituras: "Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita" (S. Tiago 1:4), e o ministro terá muitas oportunidades para verificar a veracidade e sabedoria deste conselho, ao trabalhar junto com os seus bem-intencionados e fervorosos, mas inexperientes companheiros. As correções não são tão difíceis como pensamos, se vierem envoltas em paciência e bondade!

Compreensão

Muitos ministros são capazes de ver que os membros locais constituem uma valiosa posse para a obra, e dêles se servem com proveito. Mas é o pastor compreensivo quando um membro discorda dêle? Procura ver o assunto do ponto de vista do leigo com o qual trabalha? Interessa-se em apurar, na medida do possível, quais as razões dêsse leigo discordar? Talvez o mesmo tenha tido experiência com um problema semelhante. Se assim fôr, êle pode sentir sinceramente que certa maneira de realizar êsses objetivos é preferível àquela que o pastor esteja sugerindo. Quem sabe êle percebe que embora determinada linha de procedimento não seja particularmente desconcertante para muitas pessoas, pode sê-lo para certos membros da congregação local. Procura o ministro inteirar-se de algumas dessas coisas com o leigo que difere de sua opinião? Ou julga êle que êsse membro leigo está simplesmente tentando lançar-lhe uma pedra de tropêço, procurando valer-se de sua autoridade como ancião, diácono, tesoureiro, ou qualquer outro cargo que possa

ter? Se o pastor reagir imprudentemente, pode manifestar-se de pronto um espírito de antagonismo. A comissão e os membros notam isso, e ambas as partes envolvidas perdem o respeito. Nutrem-se dúvidas sôbre se as pessoas implicadas no caso estão de fato seguindo o exemplo do humilde Nazareno. Pode ser que êles não se preocupem tanto com o antagonismo manifestado pelo membro leigo como pelo que é externado pelo pastor. Mais uma vez, êsse raciocínio pode não ser correto, mas não deve haver duas normas, uma para os leigos e outra para o pastor.

Afabilidade

A afabilidade está intimamente relacionada com o assunto em consideração. A congregação espera que o pastor seja um bom ouvinte quando surge algum problema, principalmente se fôr um problema pessoal. É dever do ministro ter sempre a porta aberta, por assim dizer, para que os membros possam aproximar-se livre e confiantemente dêle, sejam quais forem as perplexidades com que se defrontem. Pode haver ocasiões em que algum membro apresente um problema para o qual, naquele momento, o pastor não encontre solução. Não lhe fará mal admitir que precisa de tempo para pensar e orar sôbre isso. Talvez êle possa dar algum conselho provisório e mais tarde, após ter considerado cuidadosamente o assunto, encontrar-se outra vez com êsse membro, apresentando-lhe então a solução que achar apropriada. Pode ser que esta não seja muito agradável para o membro, pelo que sempre é necessário ter um período de oração. Nunca, porém, deve o ministro, por palavras, atos ou atitudes, dar a impressão de que está repelindo qualquer pensamento, argumento ou raciocínio, embora inadmissível, que os membros lhe queiram apresentar. Espera-se que o ministro seja acessível.

Cooperação e Espírito de Equipe

O membro leigo aprecia estar na presença de seu ministro; gosta de trabalhar com êle, principalmente se percebe que é uma parte do grande Movimento do Advento e que é um com o ministro na obra de levar o evangelho ao mundo. Uma das maneiras em que isto pode ser realizado é através do reconhecimento por parte do ministro de tôda autoridade e procedimento devidamente constituídos pela administração da igreja local. Bem faria o membro que aceitou um cargo e que conscienciosamente deseja desempenhar os deveres atinentes ao mesmo, em estudar o *Manual da Igreja*, esforçando-se por descobrir o que dêle se espera. Procurará cumprir as responsabilidades de seu cargo em harmonia com as recomendações dêsse livro. Na coordenação do trabalho dos departamentos

da igreja, na admissão de candidatos para o batismo, é em tôdas as atividades da igreja, o oficial consciencioso estudará o *Manual da Igreja* e esperará que os processos recomendados pelo mesmo sejam seguidos pelo pastor. Se este passa por alto essas recomendações e segue uma atitude sua própria, os membros ficarão desapontados. Desejarão algo que seja mais cooperativo e inspirador. Espera-se que tanto o pastor como os membros tenham espírito de equipe, e ditosa é a igreja em que isto ocorre.

Guardar Sigilo

Outro ponto em que a congregação espera que o pastor use de cautela é em guardar segredo. Quando o membro se defronta com alguma dificuldade—seja ela uma questão familiar ou um problema pessoal que afeta sua relação para com o Senhor—deve sentir-se livre para falar com o pastor, sem receios de que no dia seguinte, ou noutra ocasião, os membros de alguma igreja do distrito, ou mesmo de sua própria igreja, fiquem sabendo de seu problema. Talvez nada do que mencionámos contribua tanto para destruir a confiança no pastor, como isso de êle espalhar segredos. Dentro em pouco encontrará os membros se debatendo com problemas para os quais necessitam de ajuda, mas que procuram solucionar por si próprios, desprezando o instrumento que o Senhor colocou na igreja para fazer frente a essas situações.

Sabedoria e Conhecimento

Básicamente, muitas das questões que estive-mos ventilando resumem-se na pergunta: É o ministério tão-somente uma profissão para o ministro que o exerce, ou é êle uma autêntica vocação? É bem verdade que o ministério hoje se tornou uma profissão e que o ministro precisa estar familiarizado com muitos aspectos administrativos, mas se aquêlê fôr somente uma profissão e não uma genuína vocação, a congregação o perceberá. Há dois importantes versículos que podem ser considerados aqui. Em I Coríntios 8:1 diz-se que “o saber ensoberbece”, e em Eclesiastes 7:12 declara-se que a “sabedoria... dá vida”. Ora, suponho, como é natural, que tem de ser admitido que quando se diz que “o saber ensoberbece”, isto se refere ao saber que não vem acompanhado pela sabedoria. Assim também, quando as Escrituras afirmam que “a sabedoria... dá vida”, elas indicam que essa sabedoria vem acompanhada de suficiente conhecimento para capacitar o indivíduo a ser eficiente no ramo de trabalho que escolheu. As duas precisam estar ligadas. Se o ministério é apenas uma profissão para aquêlê que o segue, acaso não é possível que o conhecimento conduza à exaltação própria? Foi-

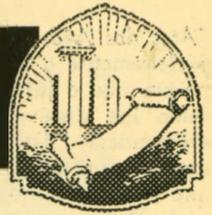
nos declarado que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria”. Sal. 111:10. Simultaneamente com a educação formal e a experiência, precisamos de uma íntima comunhão com o Senhor dos Exércitos.

No livro *Meditações Matinais* para 1953, às págs. 215 e 216, apareceu este trecho do Espírito de Profecia: “Não necessitais ir às extremidades da Terra em busca de sabedoria, pois Deus está perto... Anseia que estendais as mãos a Ele pela fé. Anseia que espereis grandes coisas d’Ele. Anela dar-vos sabedoria tanto nos assuntos temporais como nos espirituais. Pode atilar o intelecto. Pode dar tato e habilidade... A cada um que submete sua vontade à vontade do Infinito, para ser conduzido e ensinado por Deus, é prometido um constante desenvolvimento das coisas espirituais. Deus não estabelece limite algum para o avanço daqueles que são ‘cheios do conhecimento de Sua vontade, em tôda a sabedoria e inteligência espiritual’. Aquêlê que fazem de Deus sua eficiência, compreendem suas próprias fraquezas, e o Senhor os supre com Sua sabedoria. À medida que dia a dia confiam em Deus, aceitando humildemente Sua vontade e de todo o coração e com a mais completa integridade, crescem em entendimento e habilidade. Desejosos de serem obedientes, demonstram reverência e honra a Deus, e são por Ele honrados.”

“Não é suficiente ter sabedoria. Devemos ter a habilidade necessária para usá-la corretamente. Deus nos chama a mostrarmos boa conversação, livre de tôda aspereza e vaidade. Não faleis palavras de vaidade nem palavras de aspereza autoridade; elas gerarão discórdia. Falai, ao contrário, palavras que produzirão luz, conhecimento, informação, palavras que restaurarão e edificarão. Um homem mostra que tem a verdadeira sabedoria usando o talento da voz para produzir música na alma daqueles que estão buscando fazer suas tarefas designadas e que estão em necessidade de ânimo.”—*Idem*, pág. 218.

Diz Ellen G. White noutra lugar: “Existe o perigo de aquêlê a quem são confiadas responsabilidades só reconhecerem um poder—o poder da vontade não santificada.”—*Test. Sel.*, Vol. 3, pág. 48. Se desatendemos essa advertência, é provável que nos tornemos vítimas desse perigo.

Tôdas estas sugestões não se referem a qualquer pessoa em particular. Pode ser que haja alguns em nosso ministério aos quais nenhuma destas insinuações dizem respeito, mas talvez a maioria ache que uma ou duas delas exigem ponderação. Se assim fôr, isso poderá fazer com que o ministro, os membros e os oficiais da igreja desfrutem uma comunhão mais íntima e feliz.



O Sacerdócio de Jesus

G. D. KEOUGH

Departamento Bíblico, Colégio Missionário de Newbold,
Inglaterra



NENHUM cristão poria em dúvida o fato de que Jesus foi crucificado por nossos pecados, há uns 1930 anos, no reinado do imperador romano Tibério César (S. Lucas 3:1). Existem profecias a respeito de Seu nascimento

(Isa. 11:1-3; 7:14; Miq. 5:2); de Sua vida sobre a Terra (Isa. 42:1-4; 61:1 e 2); de Sua morte por crucifixão (Sal. 22:16; Isa. 53); de Sua elevação ao trono de Deus (Sal. 2:6-9; 110:1-4); e de Sua obra no Céu (Zac. 6:12 e 13). Estas profecias cumpriram-se na História, tal qual está relatado no Novo Testamento. Também se acha registrado o tempo em que Ele devia ser tirado (Dan. 9:26). As profecias predisseram-Lhe a morte, e seu cumprimento na História torna mais segura a palavra da profecia. É-nos assegurado pela verdade em que cremos, que "na consumação dos séculos uma vez" Jesus "Se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo." Heb. 9:26.

No entanto Jesus, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (S. João 1:29), era "o Cordeiro, morto desde a fundação do mundo" (Apoc. 13:8; I S. Ped. 1:20). Curando o paraplético na casa de Pedro, demonstrou Jesus aos fariseus que Ele possuía sobre a Terra autoridade para perdoar pecados (S. Luc. 5:24), e esta autoridade derivava do oferecimento do sacrifício expiatório pelas culpas dos homens, pois "sem derramamento de sangue não há remissão" (Heb. 9:22). Somente a morte de Jesus poderia tornar possível o perdão do pecado e permitir que a raça humana continuasse vivendo; e unicamente Sua mediação poderia haver habilitado Enoque a andar com Deus sobre a Terra e a ser recebido em cima na glória, mais de três mil anos antes dos eventos do Calvário (cap. 7:25). No tempo de Enoque,

assim como no presente, não havia "salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu" não existia "nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (Atos 4:12). Moisés foi ressuscitado dos mortos e Elias foi trasladado sem provar a morte (S. Mat. 17:3; II Reis 2:11), muitas centenas de anos antes de Jesus realmente ressuscitar dos mortos e Se tornar "as primícias dos que dormem" (I Cor. 15:20). Não vemos qualquer contradição nestes fatos relevantes, antes lhes reconhecemos a natureza complementar e a harmonia intrínseca.

Quando passamos a considerar o sacerdócio de Jesus, notamos que predomina o mesmo princípio. "Por isso mesmo convinha que, em todas as cousas, Se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas cousas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo." Heb. 2:17. Sua encarnação foi um passo em direção à Sua morte (verso 14) e uma preparação necessária para o Seu sacerdócio. Mas Sua encarnação não O tornou sacerdote. Tampouco assumiu Ele essa posição por Si mesmo. "Assim, também Cristo a Si mesmo não Se glorificou para Se tornar sumo sacerdote, mas Aquê-le que Lhe disse: Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei; como em outro lugar também diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque." Cap. 5:5 e 6.

Jesus Se tornou sumo sacerdote pelo juramento de Deus, e este juramento foi "posterior à lei" (cap. 7:28). Foi "depois de ter feito" por Si mesmo "a purificação dos nossos pecados" e ascendido ao Céu, que Ele foi ungido "com óleo de alegria" acima de Seus companheiros (cap. 1:3 e 9). Ele Se tornou então "Senhor e Cristo" (Atos 2:36); e "o derramamento pentecostal foi uma comunicação do Céu de que a confirmação do Redentor havia sido feita"

(*Atos dos Apóstolos*, pág. 39). Como esclarece perfeitamente o Salmo 110:1-4, houve um tempo em que o juramento de Deus foi proferido, como Ele disse: “O Senhor jurou e não Se arrependirá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.” Foi então que Jesus Se tornou sumo sacerdote. Mais tarde Pedro o expressou desta maneira: “Deus, porém, com a Sua destra O exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados.” Atos 5:31. Isto é, Ele foi feito sacerdote.

Se Jesus houvesse permanecido na Terra, não teria sido sacerdote (Heb. 8:4), pois o verdadeiro santuário está no Céu, e é neste maior e mais perfeito tabernáculo” (cap. 9:11) que Ele “pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (cap. 7:25). Ali, nesse lugar de autoridade, à direita da Majestade divina (S. Mat. 26:64), é Ele o mediador de um nôvo e melhor concôrto e está inscrevendo Sua lei no coração e na mente daqueles que se entregam inteiramente a Ele (Heb. 8:10).

Assim o tempo exato em que Jesus Se tornou sumo sacerdote foi indicado com tanta precisão pela profecia e História, como o foi Sua morte na cruz. Mas essa obra que Ele está realizando por nós é a mesma que Ele fez pelos santos que viveram nos “tempos do Velho Testamento”. Desde Abel até Zacarias jamais existiu outro meio de se obter perdão para o pecado e de se alcançar a justificação, senão pela morte e mediação de Jesus, o Filho de Deus. Depois que Adão pecou, o nôvo concôrto foi o único caminho certo para a santidade e para o Céu, e não há outro mediador deste nôvo concôrto além de Jesus, nosso Senhor e Salvador. Entretanto, como “Cordeiro morto desde a fundação do mundo”, já havia Ele confirmado o concôrto por meio de Seu sangue, já havia oferecido sacrifício, “sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima” (*O Desejado de Todas as Nações*, (3ª ed.), pág. 17; *Atos dos Apóstolos*, pág. 33). “Desde o pecado de nossos primeiros pais, não tem havido comunicação direta entre Deus e o homem. O Pai entregou o mundo nas mãos de Cristo, para que por Sua obra mediadora remisse o homem, e reivindicasse a autoridade e santidade da lei de Deus.” — *Patriarcas e Profetas*, (2ª ed.), pág. 380. “Não somente por ocasião do advento do Salvador, mas através de todos os séculos após a queda e promessa de redenção, ‘Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo’.” — *Ibidem*.

O sacrifício de Jesus, efetuado sôbre a cruz há 1930 anos, sempre é válido. “Então vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tinha sido morto” (Apoc. 5:6), “como no pró-

prio ato de derramar Seu sangue em benefício do pecador” (*Testimonies*, Vol. 4, pág. 395).

Quando Jesus Se ofereceu a Si mesmo no Calvário para a nossa salvação, Sua obra no pátio não terminou. “Possuímos um altar”, escreveu Paulo, “do qual não têm direito de comer os que ministram no tabernáculo” (Heb. 13:10) — Este é um altar de sacrifício, pois ninguém come do altar de incenso. João viu a Jesus em pé junto ao altar, “com um incensário de ouro, e foi-Lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sôbre o altar de ouro que se acha diante do trono” (Apoc. 8:3). A menção deste “altar de ouro que se acha diante do trono” distingue-o do altar junto ao qual o sacerdote recebe o incenso. O incenso é trazido pelo povo (Êxo. 35:28; Núm. 7:86; Isa. 60:6; Jer. 41:5), e “representa os méritos e intercessão de Cristo, Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores” (*Patriarcas e Profetas*, (2ª ed.), pág. 365). “Ao reconhecermos perante Deus o nosso aprêzo aos méritos de Cristo, é dada fragrância às nossas intercessões.” — *Test. Sel.*, Vol. 3, pág. 94. Ao orarmos em nome e através dos méritos de nosso Salvador, estamos trazendo incenso ao altar, e Cristo apresenta também perante o Pai, “com o precioso aroma de Sua justiça, as orações dos crentes arrependidos” (*O Conflito dos Séculos*, (Nova Ed., Revista), pág. 455).

Deus “colocou em Seu altar um Advogado revestido de Sua própria natureza” bem como “da nossa natureza” (*Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 13; *Testimonies*, Vol. 6, pág. 363). “Fazei uso do Meu nome. Isto tornará eficaz vossa oração, e o Pai vos distribuirá as riquezas da Sua misericórdia.” — *Test. Sel.*, Vol. 3, pág. 30. “São sem limite as providências e concessões de Deus em nosso favor.” — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 13. Não lhes devemos estabelecer restrições de tempo ou espaço. O Senhor podia chamar a Si mesmo de “o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”, e não ser “Deus de mortos, e, sim de vivos; porque para Ele todos vivem” (S. Luc. 20:37 e 38). Do nosso ponto de vista eles estavam mortos, mas Deus podia mencioná-los como vivos por causa da certeza da ressurreição. Assim como aceitamos que Cristo veio “na plenitude dos tempos”, e realizou o supremo sacrifício do Calvário “na metade da semana”, há uns 1930 anos, sendo, não obstante, “o Cordeiro morto desde a fundação do mundo”, também podemos aceitar que Ele sempre foi o sacerdote e advogado da família humana, embora não fôsse designado para essa posição, pelo juramento de Deus, até

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Quando Se Receberá o Sinal da Bêsta?

(Original em Inglês, págs. 183-185)

Pergunta 19

Ensinam os adventistas do sétimo dia, em sua literatura autorizada, que aquêles que adoram no domingo e rejeitam por completo os ensinamentos adventistas, têm o sinal da apostasia, ou o "sinal da bêsta"? Não ensina a Sra. White que aquêles que agora guardam o domingo já possuem o sinal da bêsta?

Nossos pontos de vista doutrinários baseiam-se na Bíblia, não nos escritos da Sra. White. Mas desde que seu nome foi introduzido na questão, uma explícita declaração de sua pena deveria deixar o assunto bem claro. O que se que foi escrito por ela em 1899:

Ninguém recebeu até agora o sinal da bêsta. Ainda não chegou o tempo de prova. Há cristãos verdadeiros em tôdas as igrejas, inclusive na comunidade católico-romana. *Ninguém é condenado sem que haja recebido iluminação e se tenha compenetrado da obrigatoriedade do quarto mandamento.* Mas quando fôr expedido o decreto que impõe o sábado espúrio, e o alto clamor do terceiro anjo advertir os homens contra a adoração da bêsta e de sua imagem, será traçada com clareza a linha divisória entre o falso e o verdadeiro. Então os que ainda persistirem na transgressão receberão o sinal da bêsta. — *Evangelismo*, pág. 234. (Grifo nosso.)

Este foi o ensinamento uniforme dela através dos anos — não obstante as citações que os detratores desvirtuaram e tiraram do contexto. Esta posição é mantida pela mesma escritora em *O Conflito dos Séculos*:

Mas os cristãos das gerações passadas observaram o domingo, supondo que em assim fazendo estavam a guardar o sábado bíblico; e hoje existem verdadeiros cristãos em tôdas as igrejas, não excetuando a comunhão católica romana, que crêm sinceramente ser o domingo o dia de repouso divinamente instituído. Deus aceita a sinceridade de propósito de tais pessoas e sua integridade. Quando, porém, a observância do domingo fôr imposta por lei, e o mundo fôr esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que Deus. ... Ao rejeitarem os homens a instituição que

que tivesse purificado os nossos pecados por Sua morte, quando então "Se assentou à destra ... da Majestade nos Céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem" (Heb. 8:1 e 2).

Os tempos e as estações destinam-se a nós; mas, graças a Deus, Êle não é limitado por tempo, espaço ou caráter.

Deus declarou ser o sinal de Sua autoridade, e honrarem em seu lugar a que Roma escolheu como sinal de sua supremacia, aceitarão, de fato, o sinal de fidelidade para com Roma — 'o sinal da bêsta'. E sômente depois que esta situação esteja assim plenamente exposta perante o povo, e este seja levado a optar entre os mandamentos de Deus e os dos homens, é que, então, aquêles que continuam a transgredir hão de receber o 'sinal da bêsta'. — pág. 486. (Grifo nosso.)

A observância do domingo ainda não é o sinal da bêsta, e só o será quando sair o decreto que obrigue os homens a guardar este falso sábado. Virá o tempo quando este dia será a prova, mas esse tempo ainda não chegou. — Ellen G. White, Manuscrito 118, 1899.

A resposta, portanto, à pergunta se a Sra. White afirmava que todos os que agora não aceitam e observam o sétimo dia como o sábado possuem o "sinal da apostasia", é um categórico Não.

Temos a firme convicção de que milhões de cristãos piedosos de tôdas as crenças, através de todos os séculos do passado, bem como aquêles que atualmente confiam sinceramente no Salvador Jesus Cristo para se salvarem e que O seguem em conformidade com a luz que receberam, inquestionavelmente estão salvos. Milhares de tais cristãos sofreram o martírio por Cristo e por sua fé. De mais a mais, por certo serão incluídos inúmeros católicos romanos. Deus conhece o coração e lida com as intenções e o entendimento. Essas pessoas fazem parte de Suas "outras ovelhas" (S. João 10:16). Êle não Se engana. O princípio bíblico é claro: "Aquêle, pois, que sabe fazer o bem, e o não faz, comete pecado." S. Tiago 4:17.

Os adventistas do sétimo dia interpretam as profecias relativas à bêsta, e o acatamento que se dá à sua obra, como algo que aparecerá distintamente antes da volta do Senhor em glória. Entendemos que esta questão então se tornará uma prova mundial.

Quem Constitui a "Igreja Remanescente"?

(Original em Inglês, págs. 186-196)

Pergunta 20

Alega-se que os adventistas do sétimo dia ensinam que só eles constituem a última e completa "igreja remanescente" mencionada no livro de Apocalipse. Isto é verdade, ou admitem os adventistas do sétimo dia que "remanescentes" são aqueles que em tôdas as denominações permanecem fiéis às Escrituras e à fé que uma vez foi dada aos santos? Afirmam os adventistas que na época atual são eles as únicas testemunhas verdadeiras do Deus vivo, e que sua observância do sábado do sétimo dia é um dos maiores sinais que os identificam como a igreja remanescente de Deus?

A resposta a esta tríplice pergunta dependerá grandemente da definição que se dê à palavra "remanescente." Se, conforme se deduz da segunda parte, "remanescente" significa a igreja invisível, nossa resposta à primeira parte é um Não incondicional. Os adventistas do sétimo dia nunca procuraram comparar sua igreja com a igreja invisível — "aqueles que em tôdas as denominações permanecem fiéis às Escrituras." Se o vocábulo "remanescente" é empregado no sentido da definição que aparece em Apocalipse 12:17, uma resposta apropriada exigirá a apresentação de certos pontos fundamentais.

Creemos que a profecia de Apocalipse 12:17 aponta para a experiência e obra da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas não cremos que só nós constituímos os verdadeiros filhos de Deus — que somos os únicos e autênticos cristãos que atualmente existem sobre a Terra. Creemos que Deus possui um grande número de seguidores fervorosos, leais e sinceros em tôdas as comunidades cristãs, que, no dizer da pergunta, são "testemunhas verdadeiras do Deus vivo na época atual." Ellen G. White expressou claramente nosso ponto de vista: "Em que corporações religiosas se encontrará hoje a maior parte dos seguidores de Cristo? Sem dúvida, nas várias igrejas que professam a fé protestante." — *O Conflito dos Séculos*, (Nova Ed., Revista), pág. 414.

Existe um fundo histórico para a nossa interpretação de Apoc. 12:17.

Durante todos os séculos houve negligência e esquecimento de verdades que precisavam ser salientadas novamente, desvios e apostasias que precisavam ser protestados, reformas que precisavam ser efetuadas. Deus colocou sobre o coração de alguns a responsabilidade de proclamar estas verdades.

A Reforma Protestante separou-se da igreja papal proclamando os desprezados ou olvidados princípios do evangelho, e rejeitando as crasas apostasias daquele tempo. A separação tor-

nou-se inevitável por causa da atitude da igreja oficial. Logo, porém, que os homens conscienciosos nas várias comunidades salientaram diferentes aspectos da verdade, surgiram sérias divergências entre as corporações reformadas. Em breve vieram à existência várias igrejas nacionais e de Estado. Estas sustentaram diferentes pontos da verdade.

Assim, do grupo reformador na Inglaterra, formou-se a Igreja Anglicana. Mas em virtude de reter-se tanto do ritual, das formas e do cerimonial católico, levantaram-se vários grupos separatistas e independentes. Por causa da oposição que se lhes moveu e da rejeição de suas contribuições espirituais, os batistas e outros grupos independentes levantaram-se na Inglaterra e no continente europeu. Estes não somente salientavam um evangelho mais puro, mas realçavam o batismo por imersão, a liberdade de consciência e a separação entre a Igreja e o Estado. Deram eles outro passo para mais longe de certos aspectos da teologia medieval que foram retidos pelas igrejas reformadas.

João Wesley e seus partidários, que buscavam santidade de vida e salientavam a graça abundante, foram ridicularizados e proscritos, e com o tempo viram-se obrigados a formar uma corporação separada. Na América, no século seguinte, Alexandre Campbell e seus adeptos, crendo que era necessária uma reforma, organizaram seu próprio grupo. Dêste modo originaram-se muitas denominações.

No início do século vinte, quando o racionalismo e a alta crítica haviam penetrado em muitas igrejas — negando a inspiração total das Escrituras; a divindade de Cristo; Seu nascimento virginal; Sua vida sem pecado e sua vicária morte expiatória; Sua ressurreição e ascensão literais; o ministério celestial de Cristo; e Seu segundo, pessoal e pré-milenário advento — Deus suscitou muitos líderes corajosos, para proclamar a fé que uma vez foi entregue aos santos. Com o correr do tempo êsse despertamento exi-

giu um rompimento, e ocorreu uma separação nas fileiras do protestantismo. Refletiu-se isto em grupos antitéticos, tais como o Conselho Nacional de Igrejas e a Associação Nacional de Evangélicos.

Os adventistas crêm que existem verdades especiais para o presente, que Deus os incumbiu de transmitir. Sentimos claramente que precisamos salientar certas verdades que foram negligenciadas, restabelecer outras que a maioria das corporações protestantes não mais defendem e continuar a obra da Reforma. Mantemos as verdades básicas do evangelho em comum com os cristãos conservadores em geral. O batismo por imersão e a liberdade de consciência, ou a separação entre a Igreja e o Estado, nós os partilhámos com os batistas e alguns outros; a ênfase sôbre a piedade de vida e a graça abundante, partilhámos-na com os metodistas; o sábadô do sétimo dia nós o partilhámos com os batistas do sétimo dia; e assim por diante. A ênfase especial sôbre a proximidade da volta de Cristo foi realçada dentro das igrejas cristãs, durante o despertar mundial do Advento, nas primeiras décadas do século dezenove. Isso é o que continuamos a proclamar.

Reconhecemos que Deus estêve dirigindo todos êsses reavivamentos e reformas, mas os adventistas do sétimo dia têm a profunda convicção de que o mundo agora não sômente precisa ser advertido no tocante à iminência dêsse transcendente evento da Terra — a segunda vinda de Cristo — mas que tem de ser preparado um povo para o encontro com o Senhor. Acharmos, portanto, que o mundo de hoje exige que se dê ênfase a certas verdades especiais. Cremos estar vivendo na hora do juízo de Deus (Apoc. 14:6 e 7), e que o tempo se está esgotando. Cremos (em comum com a maioria dos credos históricos) que os Dez Mandamentos constituem a norma para o viver de todos os cristãos, e que Deus julgará o mundo por meio dessa mesma lei (S. Tiago 2:12). Além disso, temos a convicção de que o sábadô do sétimo dia é prescrito pelo quarto mandamento do Decálogo.

A essa altura, porém, desejamos tornar a salientar o que já declaramos na Pergunta 11, isto é, que os esforços que se faz para obedecer à lei de Deus, embora estritos, jamais podem servir de base para a salvação. Somos salvos por intermédio da justiça de Jesus Cristo recebida como uma dádiva da graça, e unicamente da graça. O sacrifício de nosso Senhor no Calvário é a única esperança da humanidade. Mas tendo sido salvos, alegramo-nos de que as justas exigências da lei se cumprem na experiência do cristão “que não anda segundo a carne mas

segundo o espírito”, e que pela graça de Deus vive em harmonia com a vontade revelada de Deus. Acompanhando, como o fazemos, os princípios da escola histórica de interpretação profética, temos a convicção de que os acontecimentos descritos em Apocalipse 14 a 17 se estão cumprindo, ou estão no caso de encontrar o seu cumprimento. A fim de preparar homens em tôda a parte para o que está para sobrevir à Terra, Deus envia uma mensagem especial, contida na expressão “evangelho eterno... a cada nação, e tribo, e língua e povo” (Apoc. 14:6). Essa mensagem insta com os homens para abandonarem tôda a maneira errada de viver e a adorarem o Deus verdadeiro que criou os céus e a Terra. Ademais, cremos que Deus fêz surgir o movimento adventista do sétimo dia para levar Sua mensagem especial ao mundo de hoje.

Devemos Fechar a Porta de . . .

(Continuação da pág. 15)

pos mais necessitados e pobres.” — *Testimonies*, Vol. 6, pág. 30. (Grifo nosso.)

Antigamente instávamos com os nossos membros que se mudassem para longe de nossas igrejas e fôssem para territórios ainda não penetrados, a fim de que pudessem disseminar o evangelho de um nôvo pôsto avançado. Hoje encontramos nosso povo mais e mais inclinado a se aglomerar em grandes centros. Esta é uma tendência geral que precisa ser invertida.

Como obreiros, que devemos então fazer? Creio que uma das coisas mais importantes que nós ministros podemos fazer é confiar as responsabilidades das igrejas locais aos nossos membros leigos. Penso que se demonstrarmos nossa confiança nêles, e pela nossa atitude os convenceremos de que estamos demasiado ocupados com a conquista de almas, para servir às mesas, êles levarão a sério as suas responsabilidades e nos surpreenderão com a sua competência.

Um dia a obra na qual estamos empenhados será terminada. Mas Deus espera que façamos a nossa parte para completá-la. Não nos trará benefício algum esconder a cabeça nas areias da ilusão e ignorar a realidade da situação. Precisamos avaliar as possibilidades, a tarefa, os recursos, e fazer então resolutamente algo nesse sentido.

Talvez seja conveniente fechar a porta de nossas igrejas aos ministros!

NOTÍCIAS - Da Imprensa



▲ **CIDADE DO CABO**, África do Sul — A Igreja Holandesa Reformada da África do Sul recomenda que A Marcha Fúnebre de Chopin não seja tocada em funerais, porque “ela é uma monstruosidade que penetrou na estrutura cristã”. A Comissão Musical dessa igreja atacou a obra do compositor polonês do século dezoito, qualificando-a de “puramente naturalista no desígnio, sem qualquer participação cristã e chocando-se diretamente com o caráter do sistema religioso cristão”. As nações e tribos pagãs — declarou a comissão — empregavam a música nos funerais para afastar os espíritos maus e dar aos mortos um passaporte para a vida futura. Mas, disse ela, “em vez de marcha fúnebre”, os cristãos “devem usar música coral”. Segundo essa comissão, a execução da Marcha Fúnebre de Chopin tornou-se um costume devido a ser ela tocada tantas vezes em exéquias oficiais ou de personalidades ilustres. Acrescentou, no entanto, que a marcha “lembra mais a partida de um ser humano para um destino pagão do que para a vida eterna do além.”

▲ **NOVA YORK** — Uma cruz chamuscada proveniente da Catedral de Coventry, Inglaterra, será a peça central do Pavilhão da Igreja Protestante, na Feira Mundial de Nova York, em 1964, segundo foi noticiado aqui. A cruz é feita de madeira crestada oriunda da catedral que foi destruída pelas bombas nazistas em 1940. Ela será exposta aqui em uma reprodução do santuário da catedral. Uma nova catedral foi construída em Coventry, perto das ruínas do edifício antigo.

▲ **SERAMPORE**, Índia — A Universidade Teológica de Serampore, uma instituição não denominacional em Bengal, fundada há aproximadamente dois séculos pelo missionário britânico Guilherme Carey, construiu seu primeiro dormitório para estudantes do sexo feminino. Um “surpreendente aumento” no número dessas estudantes, em anos recentes, tornou necessário que se providenciassem acomodações

para elas, declararam os oficiais da universidade. O projeto foi financiado por fundos recebidos da Junta Americana das Missões Batistas no Estrangeiro e por algumas igrejas canadenses.

▲ **SÃO FRANCISCO**, Califórnia — O bispo episcopal, James A. Pike, da Califórnia, publicou uma carta pastoral na qual adverte que o costume de “falar em línguas” atingiu nessa denominação um ponto “em que o mesmo é perigoso para a paz e unidade da igreja”, constituindo uma “ameaça à sã doutrina e organização”. Disse êle que certo número de clérigos e centenas de membros leigos da igreja episcopal relataram ter experimentado “falar em línguas”. Conseqüentemente afirmou que não mais podia permitir que os clérigos de outras dioceses pregassem e falassem “a respeito da propagação desse movimento”. O bispo sugeriu que os ministros das dioceses se abstivessem de dirigir reuniões que visavam promover êsse fenômeno. Nem mesmo deveriam tomar parte em tais ajuntamentos. “Falar em línguas” restringia-se às igrejas pentecostais, mas nos três últimos anos espalhou-se entre outros grupos religiosos, em várias partes dos Estados Unidos, especialmente na Califórnia, entre membros das comunidades luteranas, presbiterianas, batistas e metodistas.

▲ **RIO DE JANEIRO** — O Brasil deve reconhecer a justiça das exigências dos homens do campo por um salário mais eqüitativo, que lhes permita um razoável padrão de vida, declarou recentemente o bispo de Aracaju, Dom José Távora, numa palestra proferida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disse ainda que “não são somente os ricos que precisam desfazer-se de algumas de suas superfluidades, mas também o clero, o qual se deve adaptar às condições econômicas e sociais do país, usando crucifixos de madeira em lugar dos de ouro, e vestindo-se modestamente”.